

Hegemonia dos EUA acabou

Rio — Os pregões de Wall Street dispararam na segunda-feira o alarme que já era esperado por todos os analistas que acompanham as evoluções da economia nas grandes potências ocidentais. O prenúncio do que estava por vir foi sentido com a divulgação do déficit de mais de 15 bilhões de dólares da balança comercial norte-americana em agosto e explodiu juntamente com os projéteis disparados do Golfo Pérsico. "Situação delicada" é a expressão mais leve que passeia pelas avaliações dos analistas brasileiros sobre o momento atual. O resultado, dizem, pode ser ou uma recessão dominó no mundo ocidental ou um novo caminho de equilíbrio articulado pelos cinco grandes países industrializados.

Três especialistas em economia internacional avaliaram na nossa reportagem a semana nebulosa que se seguiu, a "Segunda-feira negra", para chegar a causas de enfoques diferentes, mas a três conclusões unânimes: As bolsas de valores internacionais continuarão a oscilar com tendência de picos de quedas acentuadas, a saída para a crise econômica ocidental passa por medidas conjuntas dos governos da Europa, Japão e Estados Unidos; e, como esse pacto dos países industrializados pode ser de difícil implementação, o mundo ocidental está a beria de uma recessão, puxada por medidas contencionistas dos Estados Unidos, sem precedentes.

Winston Fritsch, professor de economia e decano de Ciências Sociais e Economia da PUC-Rio, Marcos Arruda, economista e professor da FGV, e Paulo Nogueira Batista Júnior, chefe do centro de estudos monetários da Fundação Getúlio Vargas, concordam também em outro ponto: Acabou-se a era da hegemonia econômica dos Estados Unidos, mas ainda não surgiu outra potência ocidental que possa levantar a bandeira do domínio econômico, apesar da crescente influência de Japão e Alemanha Ocidental. E fecham questão na afirmativa de que um retrocesso do crescimento econômico norte-americano será mais prejudicial ao Brasil do que se a crise estivesse instalada somente na Europa ou Japão.